

Sou arquiteto, formado pelo Mackenzie em 1967, meu pai, Zenon Lotufo, era arquiteto e no 3º ano da escola, comecei a trabalhar com ele.

Ele era um modernista típico, trabalhou com Oscar Niemeyer no projeto do Ibirapuera e realizou uma série de projetos importantes em São Paulo, seu tipicismo modernista se expressava pelo desprezo pelas coisas velhas, ultrapassadas. Quando construiu para sua família uma casa nova no bairro do Morumbi não levou uma única lembrança da casa anterior, tudo novo, até seu amor pelos livros velhos era pequeno, apesar de ser um grande leitor.

Eu sabia que realmente era muito difícil para ele aturar um cliente que queria um projeto estilo tal..., tinha muitos livros de história de arquitetura, ficou uma fera quando eu perdi um dos volumes do Choisy, mas sentia que para ele aquela arquitetura era passado.

Um arquiteto modernista naquela época ainda não podia estar preocupado com o consumo desenfreado de madeira para a produção das grandes estruturas de concreto armado, todo o sul do Brasil era coberto por araucárias e perobas, o mundo era repleto de petróleo, matávamos os insetos com BHC (veneno hoje absolutamente proibido), o progresso era medido pela quantidade de fumaça emitida, operários que entregavam a própria vida para executarem coisas que não sabiam para que, nem por que, nem para quem.

Por isso julgo que a arquitetura que faço não é modernista, não faz mais sentido mantermos as mesmas idéias num mundo completamente diferente daquele de 50 anos atrás. Tampouco me julgo Pós-modernista, um movimento reacionário e alienado, caracterizado pela sua arrogância, isso não quer dizer que não existam coisas interessantes dentro deste quadro, mas não são expressão da arte de uma época.



O modernista sempre foi um racionalista, meu pai repetia a frase de Le Corbusier: “uma boa planta dá uma boa fachada”, mas era claro para mim que a capela de Ronchamp era um projeto global, uma escultura arquitetônica, ao invés de ser uma coisa fria e racionalista era dramática e aconchegante.

É curioso que muitos dos modernistas tinham um discurso, que não punham em prática em seus melhores projetos. Meu pai foi um destes, a grande rampa no edifício da bienal no Ibirapuera que é para mim uma dos elementos mais bonitos desse projeto e que eu atribuo a uma contribuição do meu pai é absolutamente dramática.

Hector Guimard que no Metrô de Paris coloca patas nos apoios da estrutura metálica, quando bastava um ponto, é o drama na arquitetura.

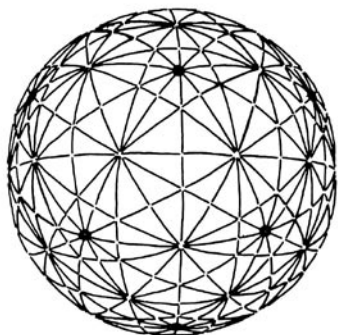
Para mim os modernistas só enxergaram uma das direções que Victor Horta, Otto Wagner, Mackintosh, Hoffmann, Olbrich, Rietveld e outros apontavam, não se interessaram por outras direções, provavelmente porque reinava o bipolar, ou as coisas eram ou não eram, não existiam os cinzas entre o preto e o branco ou se era marxista ou anti marxista, de qualquer forma sem considerar o drama, a paixão como razão.

Um amigo, Juan Villá disse para o João Marcos Lopes, a arquitetura que vocês fazem é Neo Hippie. É, talvez, o “Shelter”, publicação de Lloyd Kahn ainda seja uma Bíblia para mim.

Acho que uma das coisas mais importantes para mim foi conhecer as idéias de Sérgio Ferro, pois logo que me formei também era um modernista, mas ele começou a chamar a atenção para quem construía, como construía, descobriu o verdadeiro valor da obra de arte, um produto onde tudo é importante, quem tem a idéia, quem realiza a idéia, que materiais, de onde vieram esses materiais, como usar esses materiais, na construção a história não é somente uma curiosidade, é uma necessidade.

A partir dessas idéias, comecei a envolver aqueles que estavam construindo com as idéias da minha proposta de projeto. A qualidade de minhas obras sofreu uma mudança radical. Anteriormente ir à uma obra era para mim um sacrifício, a partir daí mudou essa minha relação com a obra e operários, passou a ser um grande prazer explicar o projeto, defender o projeto e procurar fazer com que os operários passassem a ser parceiros do projeto, fazendo propostas e sugestões transformando-se em co-autores do projeto.

A obra deixou de ser um ambiente tenso para ser um ambiente de companheiros, perseguindo um mesmo ideal.



Também a influência de Buckminster Fuller e Frei Otto, construir mais usando menos, poupando os materiais, conhecê-los melhor para utiliza-los melhor, tem sido muito importante. Buckminster falou: “parem de extrair alumínio, o que já foi extraído é suficiente para os próximos 20 anos”, a idéia da reciclagem, o reuso. Passamos a consumir madeira usada, tijolo usado, garrafas velhas etc.

Com Frei Otto o olhar para a natureza, a construção da natureza, a lógica da natureza.

As publicações do

IL, Biologia e Arquitetura. Vi que meus projetos começaram a parecer mandalas, sempre procurando um padrão que envolvia o espaço a ser usado, a estrutura e o processo construtivo.

Meu pai tinha um livro, que agora está comigo “Foundations of Modern Art” de Ozenfant, que mostrava imagens das máscaras negras, da cultura africana que influenciara o cubismo e nas páginas 268-269, mostrava o Negro Gothic e o Modern Catalan Gothic, comparando uma imagem de uma mesquita do Mali com as torres da fachada do Nascimento da Sagrada Família.



Os livros de história da Arquitetura da época ignoravam Gaudí

No meu tempo de escola só era citado em livros e textos sobre a Belle Époque, com a qual não teve nenhum vínculo, mostrava uma outra possibilidade de envolvimento global, a decoração, o artesão, a reciclagem do caco cerâmico e principalmente uma nova

maneira de enxergar a estrutura, cada ambiente arquitetônico tornando-se uma célula estrutural.

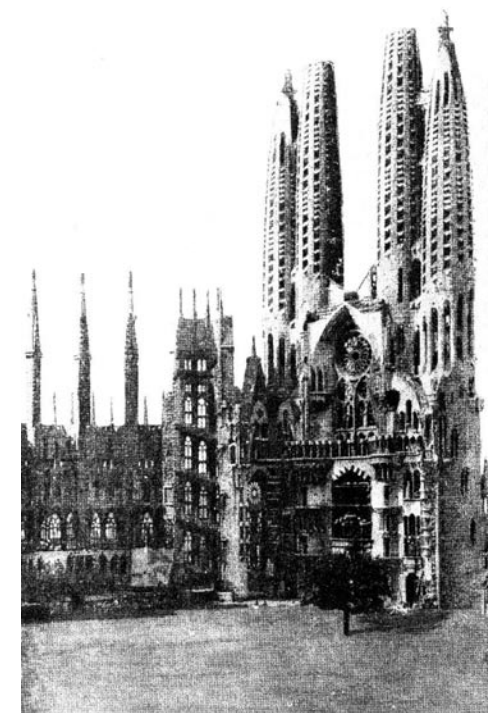
Um texto do meu irmão Marcos me ajudou muito a entender Gaudí, era um texto sobre artesanato chamando atenção que artesanato não era ficar fazendo cestinhas de palha ou toalhinhas de crochê, era tudo o que a máquina não conseguia fazer sozinha sem um ser pensante a dirigir, qualquer trabalho que exija a participação do homem, onde ele não atue somente como máquina mas como ser pensante que toma decisões, que assume responsabilidades, é artesanato.

Por isso são super interessantes os livros de Bernard Rudofsky e Paul Oliver sobre arquitetura vernacular.

Visitei algumas obras que me tocaram muito, em 1966 entrei no Museu Guggenheim e fiquei com as pernas bambas e pensei: eu realmente quero ser um arquiteto. Outras foram o Claustro da Catedral de Gloucester, a Igreja em Atlantida de Dieste no Uruguai e as obras de Gaudí em Barcelona.

Na verdade, acho que o que eu sempre quise fazer foi uma arquitetura extremamente abrangente, que possa estar envolvida em todos aspectos do ser humano sejam eles sociais, relacionados com a natureza, ou puramente de paixão.

Vitor Lotufo



*Modern Catalan "Gothic" (Barcelona).*



*Negro "Gothic."*